



CATÁLOGO DE EXPOSIÇÕES
2017

Apresentação

Este catálogo é o resultado de mais uma das ações do Grupo Gestor do Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará-CCJE constituído pelas Portarias nº 15.503/2015 e 16.339/2016, no intuito de cumprir o seu papel dentro do organograma da Escola Judiciária Eleitoral, engajado e comprometido com a instituição e com a comunidade em que está inserido.

Inaugurado em 29 de novembro de 2010, o Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará foi criado com a finalidade de recuperar, salvaguardar, valorizar e comunicar a memória da Justiça Eleitoral, utilizando-se de exposições e projetos de resgate histórico e de cunho educacional, e ainda, incentivar a produção artístico-cultural regional, tornando-se um núcleo convergente de interesses institucionais, culturais e sociais.

As ações do biênio 2017/2018 foram pensadas dentro de uma proposta de revitalização, integração, ocupação e inserção do CCJE/PA, enquanto instituição pública, em projetos culturais e educacionais da cidade.

Destarte, visando democratizar o uso do espaço, publicaram-se editais com o objetivo de selecionar artistas e/ou coletivos com projetos consistentes para preenchimento de pautas da galeria. Desses editais, resultaram, em 2017, três mostras externas de artistas locais que se somaram às quatro exposições internas institucionais realizadas pelo CCJE/PA, e, em 2018, foram mais quatro exposições selecionadas por edital e uma exposição interna, realizada por servidores e pelo grupo gestor.

Com essas e outras medidas o Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará insere-se definitivamente no circuito cultural e artístico da cidade, o que pode ser demonstrado pela qualidade e diversidade dos trabalhos aqui apresentados.



CENTRO CULTURAL DA JUSTIÇA ELEITORAL DO PARÁ

Rua João Diogo, 254, Belém, Pará, CEP: 66015-902

ccje@tre-pa.jus.br

Tel.: 3346-8017/8018



O Grupo Gestor do Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará agradece pelo apoio e colaboração: em especial à Desembargadora Célia Regina de Lima Pinheiro, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Pará e Diretora da Escola Judiciária Eleitoral; ao Vice-Presidente e Corregedor Eleitoral, Desembargador Roberto Gonçalves de Moura; aos demais Membros da Corte; ao Diretor-Geral, Edson da Cruz Costa, aos Secretários, servidores, colaboradores, patrocinadores e instituições parceiras.

Ribeirinho 360°

"A viagem
Como é bela uma asa em pleno voo...
Uma vela em alto-mar...
Sua vida - toda ela! - está contida
Entre o partir e o chegar..."
Mário Quintana

O Homem amazônida, ao nascer, sob essas forças da natureza nossa, que lhe retira os pulmões e, no lugar, implanta-lhe brânquias, torna-se um ser adaptado a respirar água, e, a partir dela, habita em seus domínios, em seus fluxos e entre fluxos hídricos, da terra úmida, da chuva caudalosa, das marés de fevereiro, esse ser ribeirinho, que andarilha em rios feitos de água e de asfalto, que constrói relações fluidas e dinâmicas com seu meio e, por meio delas, estabelece um novo fluxo de tempo.

O artista Arnaldo Duarte convida-nos a submergir na paisagem amazônica, por meio de 57 fotografias em formatos variados, além de três peças audiovisuais, das quais duas utilizando recursos de realidade virtual. Vai encontrar potência narrativa em suas elipses, metáforas, cores e texturas, atravessando limiares de linguagens, ora fotográficas, ora através da pintura, ora

aguçado e provocado pelo vídeo-imersão. Suas obras vão ao encontro desse homem da ribeira, eflúvio e urbano, conectado com o mundo.

Arnaldo refaz o caminho de muitos Joões, Nenas, Marias..., ele aporta nas ilhas do entorno da cidade, adentra nos domínios exuberantes da ilha do Combú, sobe o rio de canoa, ouve histórias e impregna sua produção de imagens, ora figurativas, ora abstratas, paisagens todas elas fragmentadas, cacos de um vitral caleidoscópico, a refletir nuances milimetricamente pensadas e orquestradas como uma canção popular, uma cantiga suave de frames.

O artista, então, detém-se a desconstruir símbolos do cotidiano e revela, de maneira incisiva, com riqueza de detalhes, a real e diversa condição de se ver plural, de se entender diverso e uno, de dialogar com o mítico, de elaborar esta espécie de carta fluvial e cidadina, pois se compreende, também, pertencente à urbe, ao nítido saber-ser partícipe destas estradas de águas acéticas, de sangue, de punctuns e de poesia... de se conter em todas as partidas e em todas as chegadas...

Adan Costa



Ribeirinho 360°

Arnaldo Duarte

Exposição de Fotografias e Arte Digital
FACEBEN/Arquitetura e Arte Digital/FAV
RDC/AM/gerenciamento
arquitetura@faceben.com.br

O Centro Cultural da Justiça Eleitoral Apóia a Campanha de Educação de Letramento
e Desenvolvimento

Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará
De 06/04/17 a 05/05/17
Abertura: 06/04, às 11h.



Instituto em nome do Banco do Brasil através do CCEJ
0818727 2827
0818 2372 492371

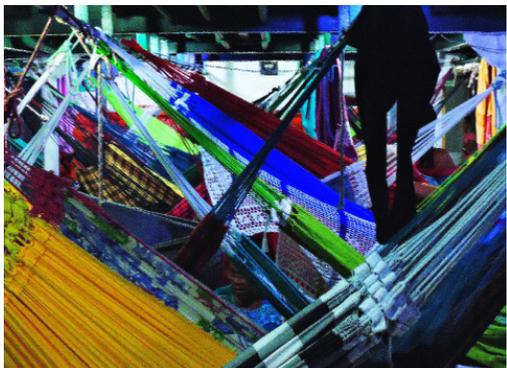
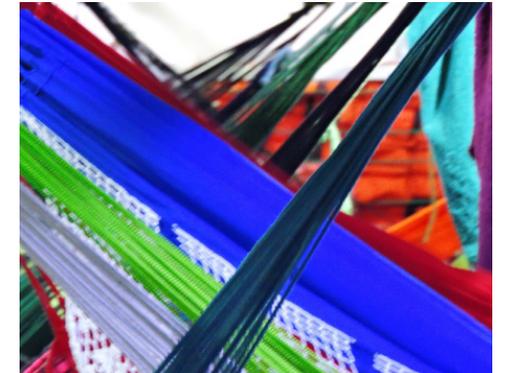
Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará
Rua João Dória, 254, Belém/Pará, CEP: 66015-902
ccej@tce-pa.gov.br Tel: 8213-4568

Realização:

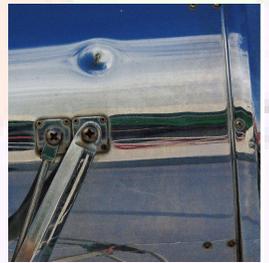
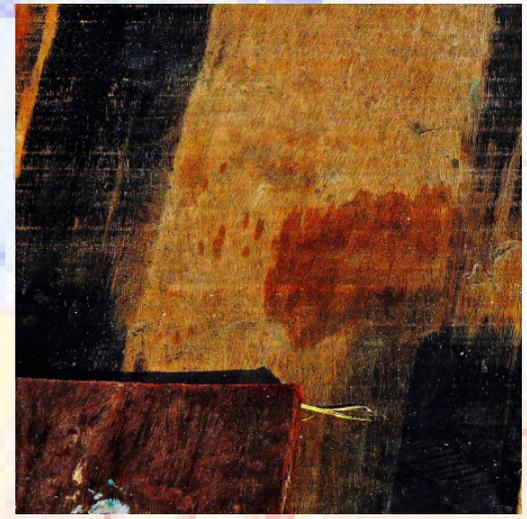


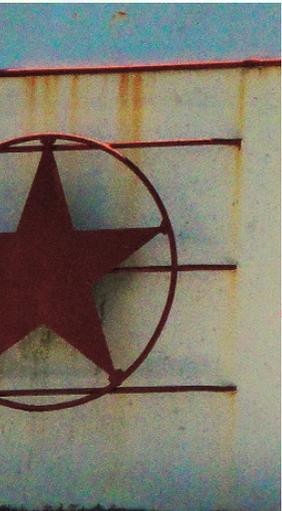
Apoio:



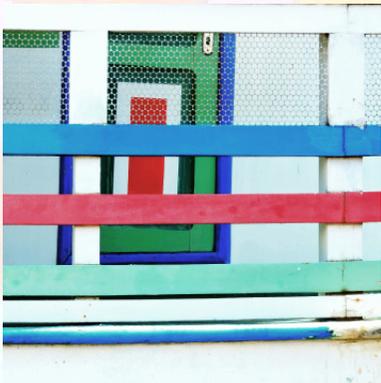


PORT OF
FLORIDA





NHÃO



TANIUHTA
KILo
4,50

FEHO/E VE MOSE
C/CABEÇA
10,00

DOURADA
K 13,00

DESCADINHA
AMARELA
NOVA
21,00

FILE-DE
PESCADA
AMARELA
NOVA

PIRAMUTABA
7.00

PESCADA
BRANCA
12.00
K

ENXOVA
DE SALINAS
K-10





















Nós de Aruanda Artistas de Terreiro

Nós de Aruanda é um convite a uma viagem pelo imaginário das Religiões de Matriz Africana existentes no Pará. São elas Mina, Umbanda e o Candomblé, passando pela Pajelança, a Encantaria e o Catolicismo Popular.

São formas poéticas de falar do sagrado, do mágico e do amor aos nossos Orixás, Inkisses, Voduns, Espíritos e Encantados.

Mas, o que significa Aruanda?

Para o leitor mais apressado, Aruanda seria a corruptela da Luanda, precisamente São Paulo de Luanda, antigo porto nas margens do Oceano Atlântico, atual capital de Angola, onde foram embarcados africanas e africanos escravizados trazidos para o Brasil Colonial. Para outros, Aruanda é um lugar utópico, o paraíso da liberdade perdida no imaginário afro-brasileiro, uma cidade que orbitaria em plano mágico/espiritual. Um lugar para voltar.

“A palavra habita cantigas de brincadeiras de roda, em jogos de capoeira, em rezas e cantos religiosos, em manifestações de cultura popular e outras situações em que os povos negros têm importância na construção da cosmologia do lugar e seu povo.”

Nós de Aruanda brinca com os sentidos que essa expressão pode ter: de quem, ou de quais “nós”, nós estamos falando? Talvez o que queremos seja nos debruçar sobre esses enlaces emaranhados desses nós que, ao fim, significa a busca por conhecer esse rico universo numa perspectiva diferenciada: a pesquisa e o estudo como ferramentas para conhecer, descobrir, divulgar e defender a riqueza das culturas e religiões de matriz africana e suas correlações com as muitas Áfricas que inventamos no Brasil (Tata Kinanbongi)

A necessidade de inserção dos artistas de terreiros no circuito de artes visuais surgiu no final de 2011, como um ‘insigth’ durante as aulas da disciplina “Poéticas Afro-amazônicas” para o curso de especialização em ‘Educação para as relações étnico-raciais’ ofertado pelo Grupo de Estudos Afro-Amazônicos — GEAAM/ UFPA. Foi nessas aulas, em que tínhamos o objetivo de subsidiar o ensino de arte e cultura afro-brasileiras e contribuir com a implantação da Lei 10.639/2003, que percebemos que a maioria das obras que a história da arte registra como “arte afro-brasileira” são de artistas euro-descendentes que não fazem parte de comunidades tradicionais de matrizes africanas, e ao fim o que percebemos é um olhar preconceituoso sobre as práticas tradicionais afro-

brasileiras produzidas por artistas que apenas se valem da temática étnico-racial para usá-la em trabalhos sem nenhum envolvimento ou aprofundamento sobre a diáspora africana no Brasil.

A questão é que as artes visuais (diferente do teatro, da dança e da música) são o campo mais restrito das ditas linguagens artísticas, e o que percebemos é que as artes visuais parecem um campo fechado de uso restrito das camadas mais abastadas da sociedade – um mundo restrito às elites.

Essa percepção estimulou o GEP Roda de Axé a iniciar o mapeamento da produção artística nas comunidades de terreiros, e nessa pesquisa - que consideramos em estágio embrionário - encontramos vários artistas que estão nesse processo de inserção e legitimação no circuito das artes visuais.

A proposta que o grupo apresentou aos artistas foi de reunir todos eles/nós em um esforço coletivo de realização de uma exposição em homenagem à Mãe Doca - uma celebração à memória da luta de Dona Rosa Viveiros, ou NochêNavanakoly, ou Mãe Doca, negra mulher e maranhense de Codó, que apenas três anos após a abolição da escravidão enfrentou o racismo, preconceitos da

época e inaugurou seu Terreiro de Tambor de Mina na capital paraense. A partir dos 18 de março de 1891 ela foi presa várias vezes porque tocava tambores e cultuava as divindades africanas com as quais preservava as tradições de matriz afro-amazônica, e nem por isso desistiu de manter aberto o terreiro que dava lugar à manutenção das tradições de sua origem negra africana. A consciência negra foi o que motivou Mãe Doca a enfrentar os desmandos da polícia e o poder constituído em alicerces racistas e discriminatórios. Nessa mesma perspectiva, mobilizamos também os pesquisadores da UFPA, principalmente os da área de ciências humanas e sociais, para conhecer e escrever sobre a poética dos artistas de terreiros. Com isso tudo nós abrimos espaço para iniciar a inserção do protagonismo de artistas afro-brasileiros, e da cosmologia das comunidades de terreiros, na história da arte brasileira. Superando todas as expectativas, os artistas foram muito mais além dos objetivos iniciais e passaram a ocupar espaços das artes visuais em outros projetos que se multiplicaram a partir de 2013, com os desdobramentos da Nós de Aruanda em 04 exposições: 2013 – Galeria Theodoro Braga; 2014 – Galeria Theodoro Braga; 2015 – Galeria Canto do Patrimônio, do Instituto do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional –PHAN; 2016 – Galeria Theodoro Braga (Edital de pauta da GTB/FCP), apresentando a diversidade dessa produção “periférica” como um discurso afirmativo do protagonismo afro-amazônico na produção de poéticas visuais.

Aruanda, enfim, é um lugar para voltar, para os africanos escravizados e seus descendentes voltarem. Aruanda é um lugar para eles, seres do espaço astral, senhores do axé, habitarem, Aruanda somos todos nós, por isso somos Nós de Aruanda!

Artistas

Arthur Leandro e Natanael Faro

Bianca Levy

Carla Beltrão

Eliana Divino

Elma Totty

Gisele Kolwask

Glauce Santos

Jean Ribeiro

Leandro Haik

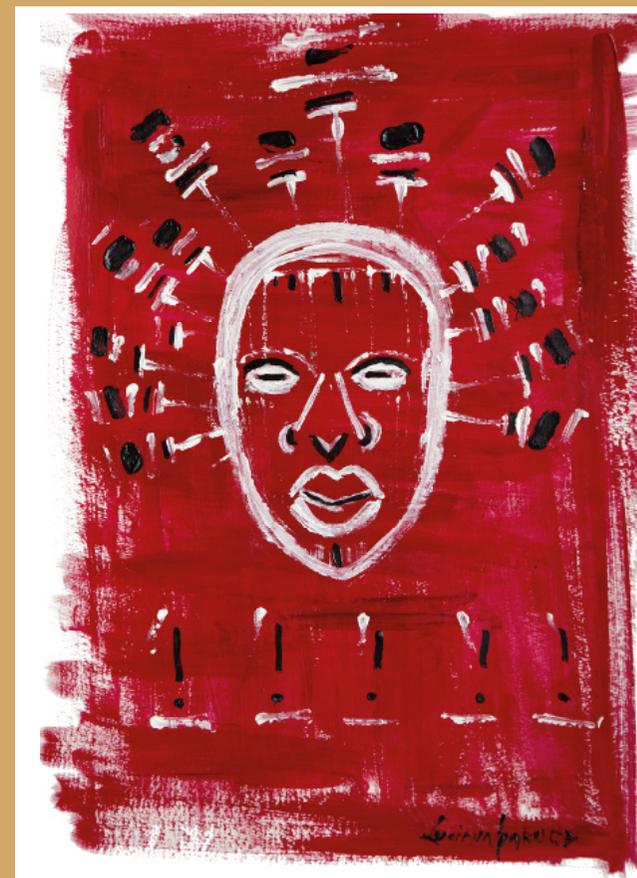
Luiz Junior

Mario Noronha

Mauricio de Nassau

Paula Giordano

Verônica Limma



Nós de Aruanda Artistas de Terreiro

De 23/05 a 21/06/17
Abertura: 23/05, às 19h

Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará

Rua João Diogo, 254, Belém, Pará, CEP: 66015-902
ccje@tre-pa.gov.br Tel.: 3213-4566

Realização:



Apoio:



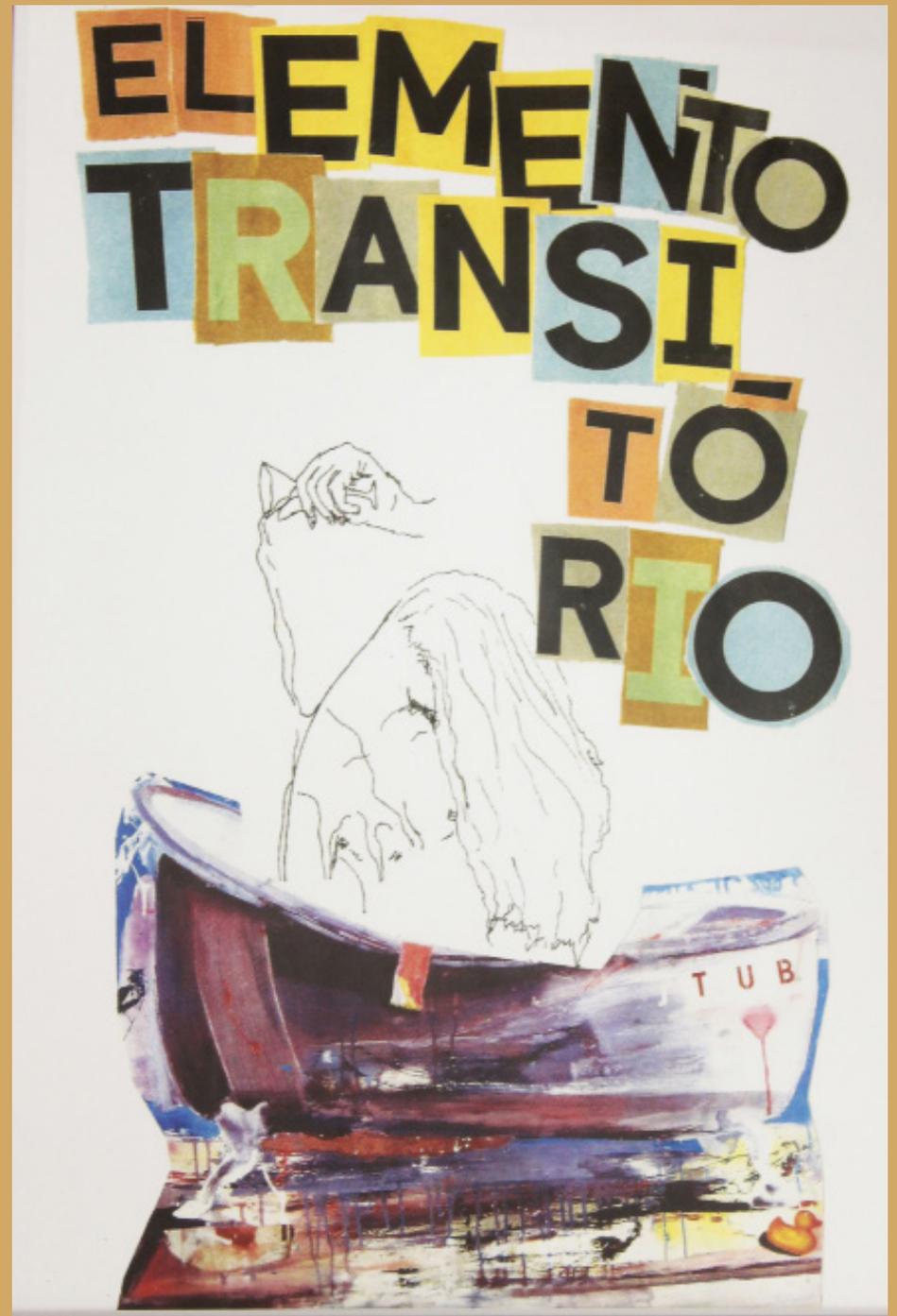






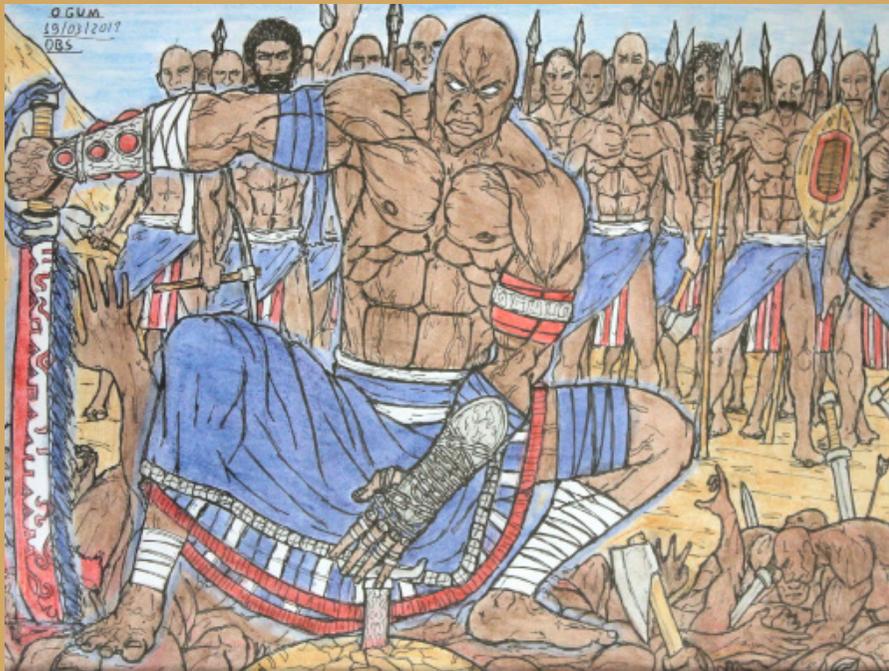








28







30



CALUNGAS DO AXÉ / ORIXÁS / INSTALAÇÃO / 2016



Olhares Sobre as Eleições no Pará

“Ó Pará, quanto orgulha ser filho
De um colosso tão belo e tão forte”

(trecho do Hino do Estado do Pará – Letra: Artur Teódulo Santos Porto

Música: Nicolino Milano Adaptação e arranjo: Gama Malcher)

Quando se fala em Pará imediatamente vem à mente sua condição de estado fincado na região amazônica; e aí não se pode deixar de pensar em “imensidão”. Não querendo ser maior nem melhor que nenhum outro, a verdade é que esse estado tem idiosincrasias... tem um exotismo, um diferencial que, não à toa, valeu-lhe um local privilegiado num dos maiores símbolos da república. Na bandeira do Brasil, a única estrela acima da faixa onde está escrito “Ordem e Progresso” é a estrela Spica, exatamente a que representa o Pará.

Ensina a sabedoria popular que “o que os olhos não veem o coração não sente”. Então, para que os olhos vejam e os corações sintam, o CCJE traz nessa nova exposição o olhar dos que percorrem todos os rincões desse espaço imenso - às vezes esdrúxulo, exótico, desconhecido - para desenvolver uma das maiores logísticas de eleição do país e, quiçá, do mundo.

Centenas de braços... milhares de quilômetros... incontáveis horas... quilos de lama e poeira... águas profundas ou rasas, mansas ou revoltas. Cruzamos terras, céus e águas. Estradas, pontes, florestas. Nada nos impede de chegar, levar, trazer, fazer, querer. Podemos porque queremos. Porque precisamos. Porque é nossa obrigação. Ir aonde o povo está. Aldeias remotas, cidades esquecidas, locais que nem o google conhece...que mal estão no mapa...mas lá haverá uma urna, um TU, um TSAT, um servidor público, um colaborador. A pé, de barquinho, de monomotor, com material na cabeça e água pelo pescoço, esperando que a natureza colabore ou contornando seus desígnios. Lá, aqui, acolá, a Justiça Eleitoral chegará.

A Eleição tem que acontecer. E onde há um cidadão, há um eleitor. Que tem voz, que precisa ser ouvido. Um desejo, uma escolha que precisa ser respeitada e que faz a diferença. Teclas que precisam ser premidas. Um VOTO que precisa ser contabilizado e considerado.

“Olhares sobre as eleições no Pará” quer trazer pra nossas mentes e corações, com muito orgulho, o que ainda não vimos, mas o que, de alguma forma, pressentimos e entendemos. Lá onde não fomos, um de nós da Justiça Eleitoral do Pará foi, esteve, está ou estará. Desbravando, descobrindo e dando o melhor de si. Porque nada nos demove. Nenhum obstáculo nos esmorece. Fazemos valer o voto, porque é assim que deve ser!

Carla Coutinho Ferreira



MARAJÓ



A mesorregião do Marajó é uma das seis mesorregiões do estado do Pará. É formada pela união de dezesseis municípios agrupados em três microrregiões: Arari, Furos de Breves e Portel.

Em 2016 sua população era de 541.165 habitantes, dos quais 344.811 compõem o eleitorado que representa 6,22% da população votante do estado.



Municípios que compõem a mesorregião:

AFUÁ
ANAJÁS
BAGRE
BREVES
CACHOEIRA DO ARARI
CHAVES
CURRALINHO
GURUPÁ
MELGAÇO

MUANÁ
PONTA DE PEDRAS
PORTEL
SALVATERRA
SANTA CRUZ DO ARARI
SOURE
SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA



34





BAIXO AMAZONAS



36

A mesorregião do Baixo Amazonas é formada pela união de quinze municípios agrupados em três microrregiões: Almeirim, Óbidos e Santarém. Ocupando uma área superior a do Reino Unido e da Coreia do Sul somadas, em 2016 sua população era de 784.389 habitantes, dos quais 539.352 compõem o eleitorado que representa 9,73% da população votante do estado.



Municípios que compõem a mesorregião:

ALENQUER
ALMEIRIM
BELTERRA
CURUÁ
FARO
JURUTI
MOJUÍ DOS CAMPOS
MONTE ALEGRE
ÓBIDOS

ORIXIMINÁ
PLACAS
PORTO DE MOZ
PRAINHA
SANTARÉM
TERRA SANTA



NORDESTE



Mesorregião do Nordeste Paraense. Em 2016 sua população foi estimada em 1.942.216 habitantes, dos quais 1.352.747 compõem o eleitorado que respresenta 24,4% da população votante do estado.

É formada pela união de 49 municípios agrupados em cinco microrregiões: Bragantina, Cametá, Guamá, Salgado e Tomé-Açu.



Municípios que compõem a mesorregião:

ABAETETUBA
ACARÁ
AUGUSTO CORRÊA
AURORA DO PARÁ
BAIÃO
BONITO
BRAGANÇA
CACHOEIRA DO PIRIÁ
CAMETÁ
CAPANEMA
CAPITÃO POÇO
COLARES
CONCÓRDIA DO PARÁ
CURUÇÁ
GARRAÇÃO DO NORTE
IGARAPÉ-AÇU
IGARAPÉ-MIRI

IPIXUNA DO PARÁ
IRITUIA
LIMOEIRO DO AJURU
MAGALHÃES BARATA
MARACANÃ
MARAPANIM
MOCAJUBA
MOJU
MÃE DO RIO
NOVA ESPERANÇA DO PIRIÁ
NOVA TIMBOTEUA
OEIRAS DO PARÁ
OURÉM
PEIXE-BOI
PRIMAVERA
QUATIPURU
SALINÓPOLIS

SANTA LUZIA DO PARÁ
SANTA MARIA DO PARÁ
SANTARÉM NOVO
SÃO CAETANO DE ODIVELAS
SÃO DOMINGOS DO CAPIM
SÃO FRANCISCO DO PARÁ
SÃO JOÃO DA PONTA
SÃO JOÃO DE PIRABAS
SÃO MIGUEL DO GUAMÁ
TAILÂNDIA
TERRA ALTA
TOMÉ-AÇU
TRACUATEUA
VIGIA
VISEU



SUDESTE



Mesorregião do Sudeste Paraense. Em 2016 sua população era de 1.882.450 habitantes dos quais 1.159.687 compõem o eleitorado que representa 20,92% da população votante do estado.

É formada pela união de 39 municípios agrupados em sete microrregiões: Conceição do Araguaia, Marabá, Paragominas, Parauapebas, Redenção, São Félix do Xingu e Tucuruí.



Municípios que compõem a mesorregião:

ABEL FIGUEIREDO
ÁGUA AZUL DO NORTE
BANNACH
BOM JESUS DO TOCANTINS
BREJO GRANDE DO ARAGUAIA
BREU BRANCO
CANAÃ DOS CARAJÁS
CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA
CUMARU DO NORTE
CURIONÓPOLIS
DOM ELISEU
ELDORADO DOS CARAJÁS
FLORESTA DO ARAGUAIA
GOIANÉSIA DO PARÁ
ITUPIRANGA

JACUNDÁ
MARABÁ
NOVA IPIXUNA
NOVO REPARTIMENTO
OURILÂNDIA DO NORTE
PALESTINA DO PARÁ
PARAGOMINAS
PARAUAPEBAS
PAU DARCO
PIÇARRA
REDENÇÃO
RIO MARIA
RONDON DO PARÁ
SANTA MARIA DAS BARREIRAS
SANTANA DO ARAGUAIA

SAPUCAIA
SÃO DOMINGOS DO ARAGUAIA
SÃO FÉLIX DO XINGU
SÃO GERALDO DO ARAGUAIA
SÃO JOÃO DO ARAGUAIA
TUCUMÃ
TUCURUÍ
ULIANÓPOLIS
XINGUARA



42



SUDOESTE



A mesorregião do Sudoeste Paraense é formada pela união de quatorze municípios agrupados em duas microrregiões: Altamira e Itaituba. Em 2016 sua população era de 544.752 habitantes dos quais 342.624 compõem o eleitorado que respresenta 6,18 % da população votante do estado.

É ainda a região menos povoada do Estado do Pará, onde encontra-se uma considerável preservação da floresta nativa, com exceção da linha referente às rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá que facilitam a logística de escoamento de soja (de Mato Grosso até o porto de Santarém) e a atividade madeireira, sendo essas duas atividades as principais responsáveis pelo crescimento econômico da área.

Hoje a região sudoeste do Pará vive constantes mudanças com dois grande projetos: o Complexo do Tapajós e a Usina Hidrelétrica de Belo Monte.



Municípios que compõem a mesorregião:

ALTAMIRA
ANAPU
AVEIRO
BRASIL NOVO
ITAITUBA
JACAREACANGA
MEDICILÂNDIA
NOVO PROGRESSO
PACAJÁ

RURÓPOLIS
SENADOR JOSÉ PORFÍRIO
TRAIRÃO
URUARÁ
VITÓRIA DO XINGU







METROPOLITANA DE BELÉM



48

A mesorregião Metropolitana de Belém é formada pela união de onze municípios agrupados em duas microrregiões - Belém e Castanhal.

Em 2016 sua população era de 2.610.387 habitantes dos quais 1.804.549 compõem o eleitorado que representa 32,55% da população votante do estado por abrigar a capital, Belém.



Municípios que compõem a mesorregião:

ANANINDEUA
BARCARENA
BELÉM
BENEVIDES
BUJARU
CASTANHAL

INHANGAPI
MARITUBA
SANTA BÁRBARA DO PARÁ
SANTA ISABEL DO PARÁ
SANTO ANTÔNIO DO TAUÁ





50





A Gravura e a Criação

A gravura como forma de arte é, com certeza, uma das mais representativas. Jean e Glauce aliam a sensibilidade na forma de criação; possuem, além do controle da alma, o controle total do corpo no ato rude de entalhar a madeira bruta ou a lâmina dura do metal.

Com esse domínio do corpo e da alma, este enlace acontece e os artistas têm colocado a gravura como um ato estético, original e autônomo, expressando o pessoal e o individual; entretanto a gravura de arte, logo de início, foi colocada como um sistema coletivo de produção e experimentação.

Seguindo esta premissa, os artistas atravessam este processo produtivo pelo desenho, xilogravura, gravura em metal, linóleo-gravura, serigrafia entre outras linguagens que se juntam, se aliam, se cruzam, se ajudam numa comunhão força em gestar e fazer nascer uma imagem. Juntos, os artistas se transformam numa pequena grande fábrica de reprodução de imagens.

Diários gráficos, Marajó, risca de rostos, rotas, ilhas, águas, rios, Bará, Salubá Nanã, "Wood Block Prints", gravuras profundamente entalhadas, buriladas e relacionadas a religiosidade, falam de orixás, de mulheres e de mães. Imagens ampliadas na escala de grandeza.

Aspectos são trabalhados juntos e isolados. Silêncio e barulho das ferramentas, dos gestos. Há, sem dúvida, uma busca de balanceamento entre esses modos individuais e coletivos de forma que nenhum se torne mais importante que o outro. Glauce e Jean convivem numa harmonia dinâmica e em constante estado de devir: razão/emoção, sensibilidade/inumanidade, força/fragilidade, timidez/coragem, homem/mulher... Dois artistas, com modos de pensar, sentir, agir experimentadas nas formas e desejos da gravura.

Nessa estrada de quinze anos de arte juntos, como num ato de impressão que implica cumplicidade, Glauce e Jean gravam riscos que ficam ali registrados para sempre, não têm volta. Afinal, descobrem histórias, desvelam imagens e deixam as marcas gravadas na arte e na vida.

15 ANOS
Jean Ribeiro
Glauce Santos

De 05/09 a 02/10/17

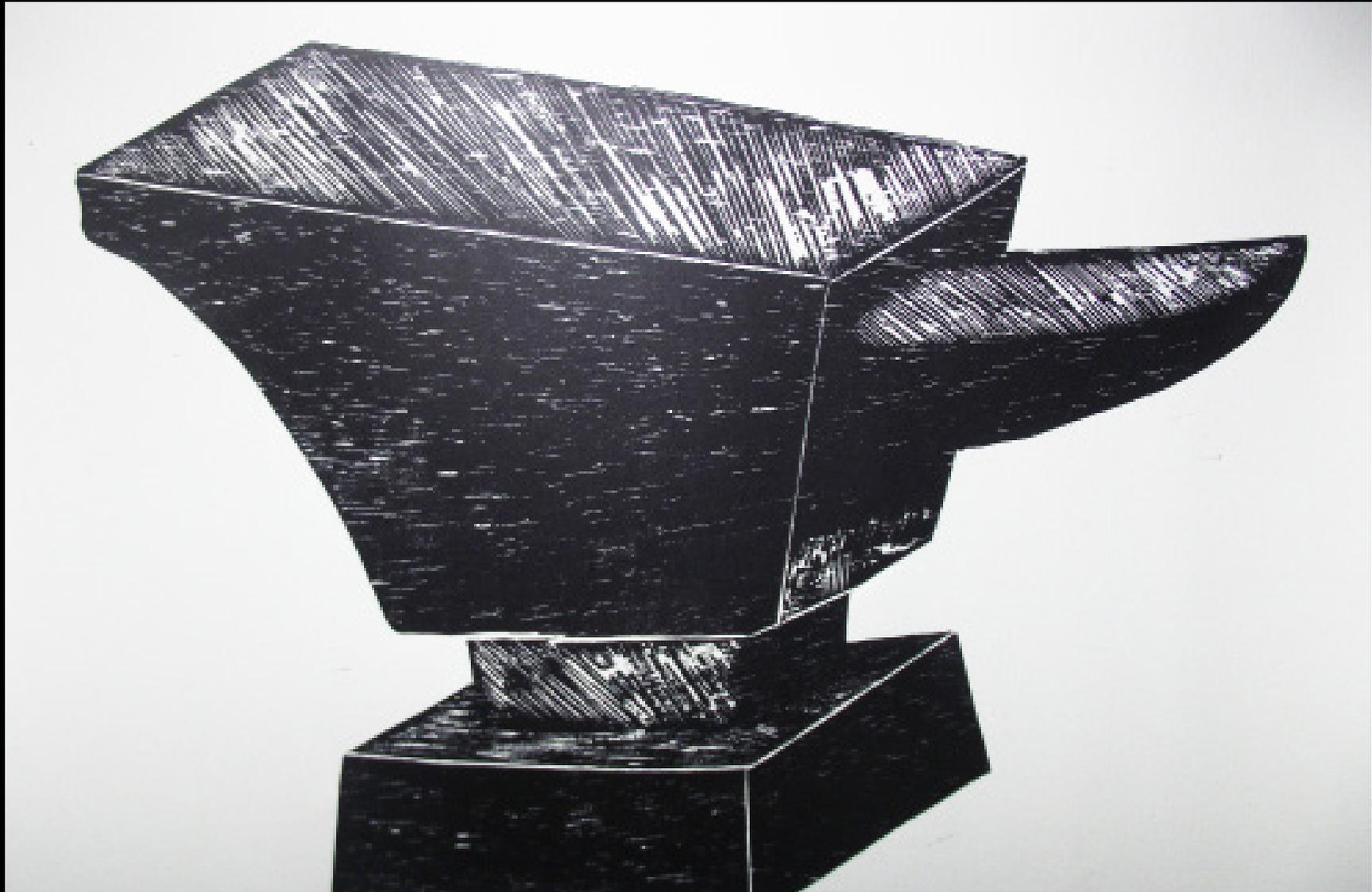
Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará

Rua João Diogo, 254, Belém, Pará, CEP: 66015-902
ccje@tre-pa.gov.br Tel: 3213-4566

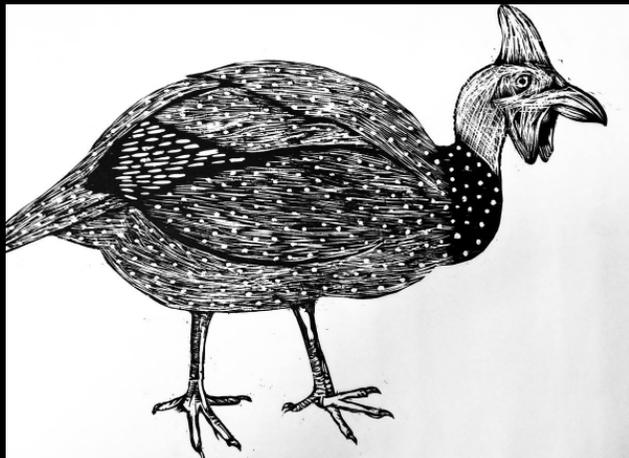
Realização: Tribunal Regional Eleitoral do Pará

Apoio: SICOOR, Unimed















“Caminhos do Círio”



Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará

Abertura 05 de outubro de 2017, 10h

Visitação 05 a 31/10/2017

“Caminhos do Círio”

Outubro. Não tem parense nascido ou adotado que não pense: “é Círio outra vez!”. Desde criança a gente sabe que vai ter comida diferente... que a cidade vai ficar cheia de gente, gente que brota que nem olho d’água e de todo canto vem desaguar nas ruas da capital.

A cidade vira a nova Roma, e todos os caminhos chegam aqui.

E ela se enfeita, parece que cresce, veste roupa nova e se anima toda pra receber as festas e as romarias. Cada ano tem mais um evento que vai sendo incorporado aos nossos calendários... é Auto do Círio, é Círio rodoviário, Círio fluvial, Círio das motos, Cordão do Pavulagem, a linda noite de trasladoção, queima de fogos, apresentação de corais, Festa da Chiquita, Anaiá!, é comida do Círio, Círio das crianças... e Maria, que é mãe, aliás, que é mãezinha de todos, vai acolhendo as pessoas, as manifestações, as festas, os pedidos, as rezas, as emoções.

E lá vai a imagem peregrina, passeando de casa em casa, nos comércios, lojas, repartições... depois sai de carro bem ali pra Marituba, Ananindeua e, de Koaraçá, volta majestosa na corveta sobre as águas costanhas da baía. Seguida por barcos, canoas, gaiolas, lanchas... todos querem ficar perto, participar e confraternizar.

Chegando na escadinha já vai passear com as motos, vendo feliz, sair em cantoria, o Cordão do Círio do Boi Pavulagem, Cores e alegria pra saudar a padroeira com muita música e brincadeira até na praça chegar.

Das cozinhas, já de rua, sente-se o cheiro da manina fervendo, o aroma do tuopi e do jambú... e vemos os patos inocentes nos paineiros, sem saber que a causa é justa: alimentar o povo depois da grande romaria!

Então chega o domingo e todo mundo quer saber: “cadê a berlinda?”. Tem até aplicativo no smartphone pra ninguém se perder! E como que amarrados a ela por um grande cordão umbilical, o povo se espalha pelas ruas apinhadas... o vendedor de mirim com sua girândola, o grupo que distribui água mineral, os pagadores de promessa numa

mistura de estafados e felizes, os que ajudam os promesseiros, os turistas curiosos e embevecidos... do alto dos prédios, nas casas, nos carrocerias de caminhão, pendurados nas marquises.

Puxar, carregar, cuidar... caminhar... caminhar... caminhar... e chegar... mas será que o que importa mesmo não é o caminho e como, nesse percurso, nos comportamos?

A recompensa, enfim, é o amor. Depois da extensa caminhada é passear à tarde no parque de diversões, comer maçã do amor bem acompanhado... gastar com um sorvete de coco ou uma rodada de caramelo. É o agradecimento. O engrandecimento.

Sabemos que, no final, a cidade e a mãezinha sempre estarão de braços abertos!

Feliz Círio!

Centro Cultural da Justiça Eleitoral do Pará

Rua João Diogo, 254, Campina, Belém, Pará, Brasil
Seg/Sex 08h às 15h
(91) 3213-4566, ccjpa@tre-pa.gov.br

Realização



Apoio

















FAUSTINO CASTRO / SEM TÍTULO / FOTOGRAFIA / 2016





72





Meu filho, vê aquela cidade?

É a cidade na escuridão...

O barco singra as águas

e pulsa forte um coração

cheio de alegria, bálsamo, bênção

(Criação de Dal Tuma e Barco de Luz)



filho, vê aquela claridade?

É a cidade na escuridão...

O barco singra as águas

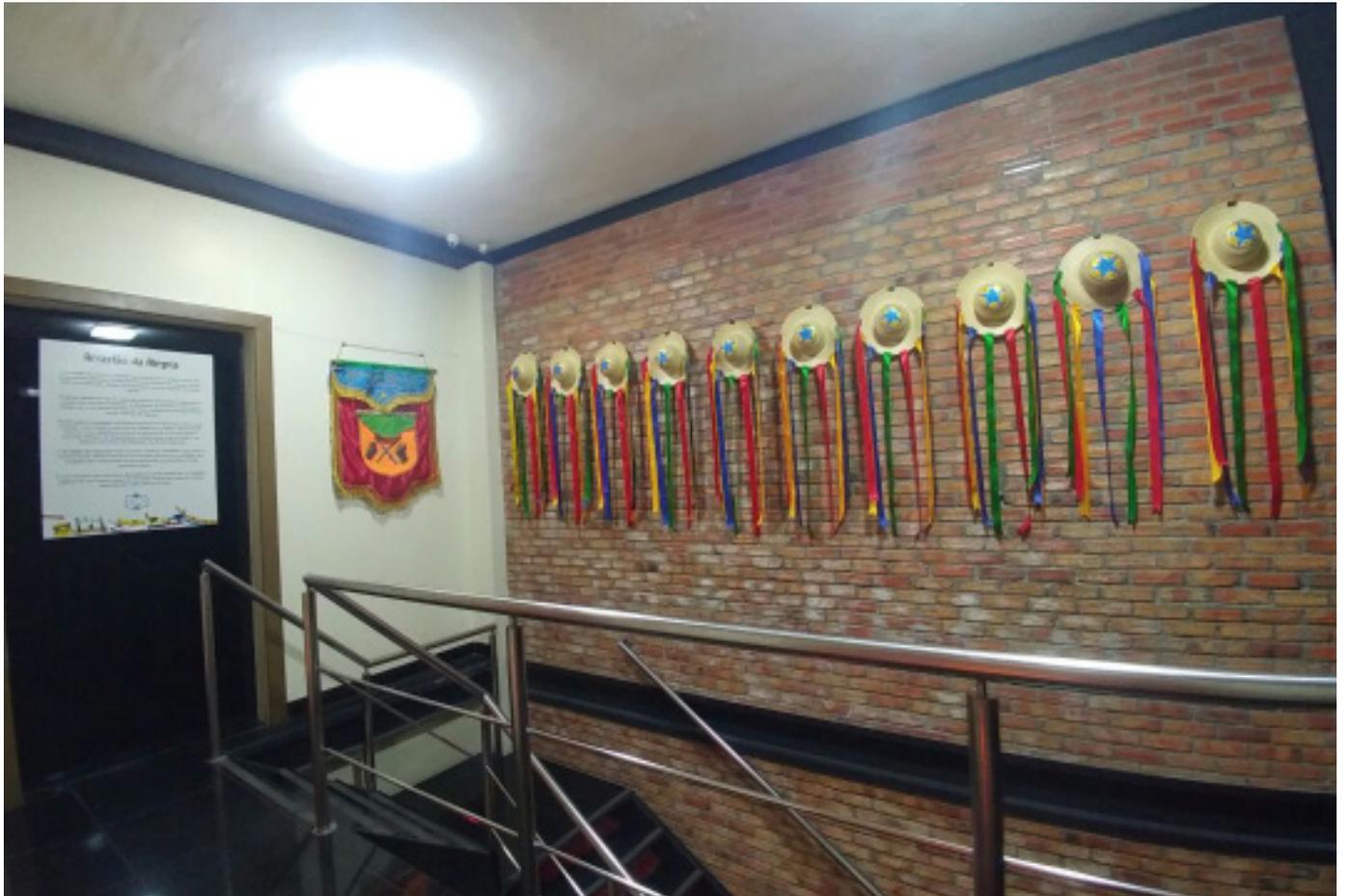
e pulsa feito um coração

cheio de alegria, bálsamo, benção

Vital

relatório









Dois Mercadores

São artistas que dialogam com a ecologia e com o entorno para conformar suas obras. São dois mercadores que transformam sua labuta em arte, que interpenetram as vísceras do comércio, do mercado, do atacado, do varejo, e farejam a plataforma de suas manifestações, infestadas de ruídos, de fraturas, de fissuras, de uma logística que não tem valia, a qual não se pesa em nenhuma balança tal se pesa um metal precioso ou mesmo a gema de uma joia qualquer.

Samir Dams e Elson Azevedo são os 2 Mercadores, os dois artífices de um olhar que tem local de fala, de uma voz que tem local de olhar, de um grito de pertença que tem local de gênese. Seus trabalhos são suas andanças, seus suportes não suportam aquilo que não se imiscui, suas mensagens são seus trajetos com os quais elaboram a arte da rua e a trazem para cá, para o deleite de quem não tem este local de facto, mas pode interconectar-se com os olhos de falar desses mercadores visuais, artistas do mercado, feirantes de galeria, atores de uma epopeia cotidiana chamada urgência de ver-se, visibilizar-se.

A exposição é um penetrar pelos vieses de Samir, através de um olhar de dentro, para dar vazão a um andarilhar flaneur pelas galerias, pelos corredores de barracas, pelos céus azuis ou chuvosos de um dia qualquer, de um ordinário ganha-pão, de um cotidiano arfar. Vai-se indo a convite destes olhos por entre entranhas da feira, das partituras de vozes que ecoam preços, descontos, descaminhos de aprender a fazer valer... vai-se indo até se chegar às ofertas do cartazista, autodeclaração de um artista que sabe o valor de tudo quanto não se pesa...

A exposição é um entroncamento de pluriformas, plurivozes, plurissignificados de um só mote: labutarte. Labutar-se ou lambuzar-se da arte que não tem preço de liquidação, mas liquida com os limites entre o que é, o que não é e o que vem a ser autenticidade.



OFERTA
BALDE Nº 08
POR
4,00
R\$ 4,70 CADA

OFERTA
BONECO
POR
10,00
R\$ 10,00 CADA

OFERTA
MOCHILA
POR
50,00
R\$ 50,00 CADA

PROMOÇÃO
CERVEJA BRANCA
POR
3,00
R\$ 3,00 CADA

OFERTA
CADERNO
POR
12,00
R\$ 12,00 CADA

OFERTA
CADERNO 12MATE
POR
12,00
R\$ 12,00 CADA

OFERTA
BACIA

OFERTA
QUIL ANEL
POR
0,50
R\$ 0,50 CADA

PROMOÇÃO
GABARITO FICHA DE VOTO
POR
0,50
R\$ 0,50 CADA

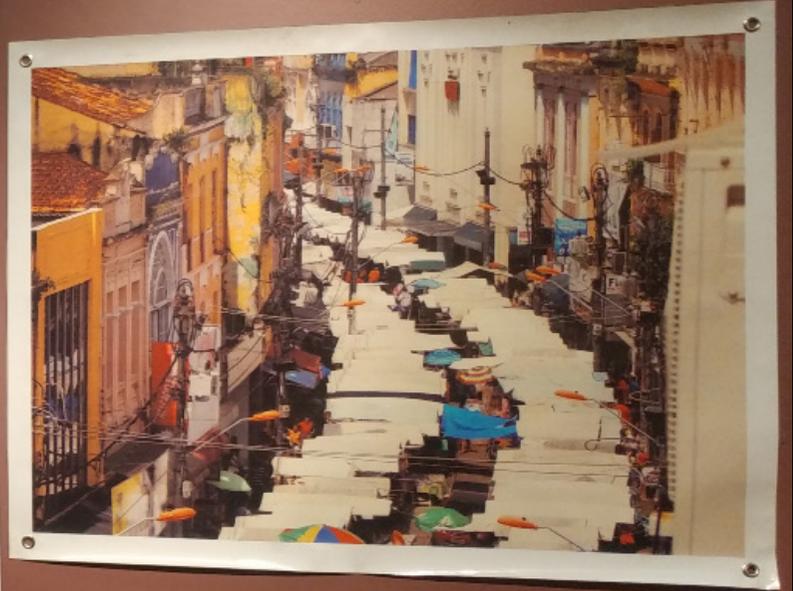
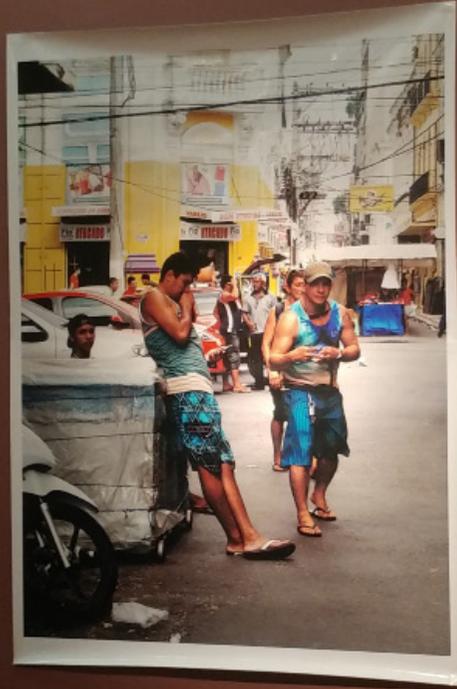
VENHA SE

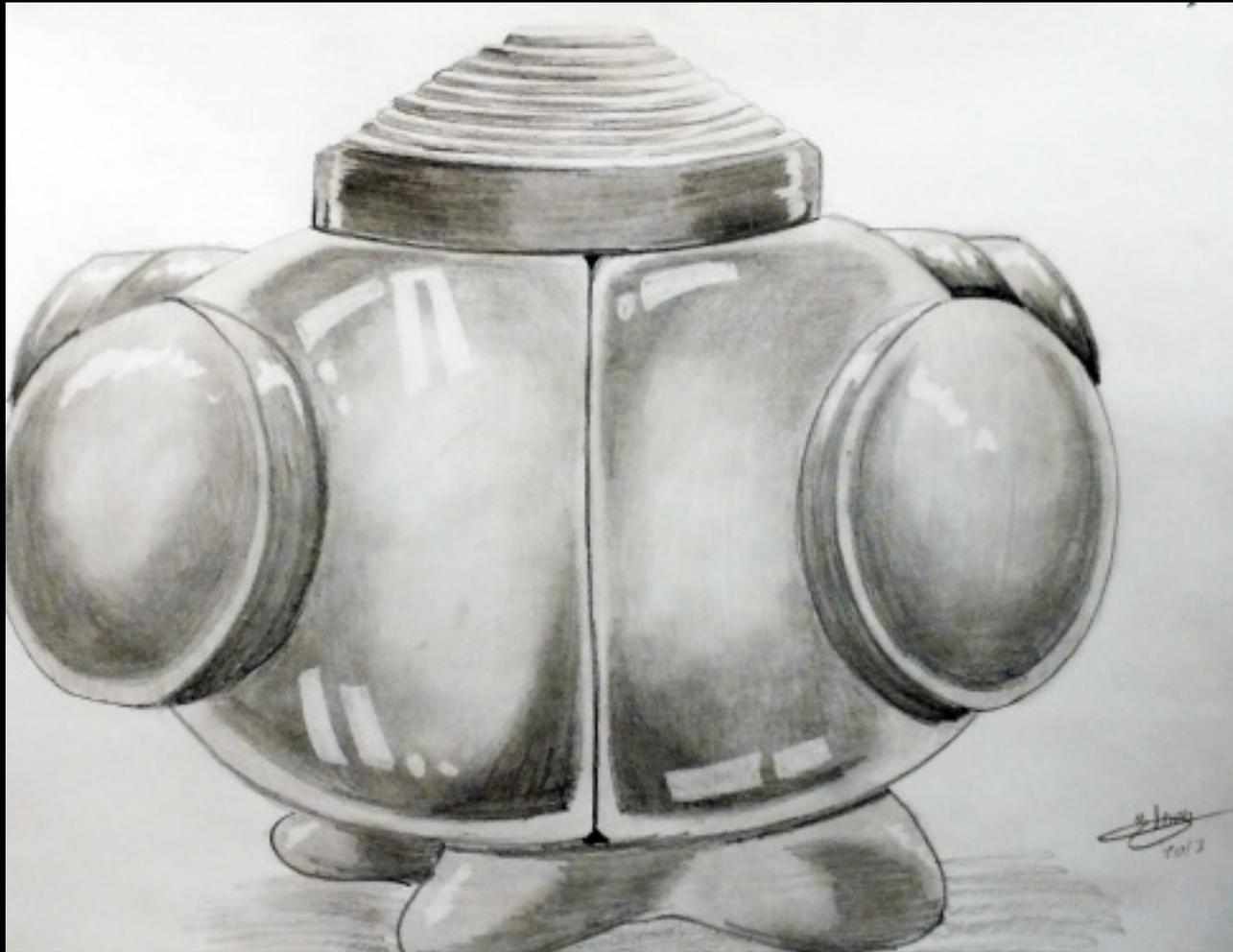
















PÃO
CASEIRO
0,30



PIZZA
FEITA
NA HORA





O MELHOR
CRUSTÁCEO
DO PARÁ




O MELHOR
PEIXE
DO
PARÁ















Percursos pela Paisagem

“É a sua vida que eu quero bordar na minha
Como se eu fosse o pano e você fosse a linha
E a agulha do real nas mãos da fantasia
Fosse bordando ponto a ponto nosso dia-a-dia
(...)
Nossa colcha de cama,
nossa toalha de mesa
Reproduzidos no bordado
A casa, a estrada, a correnteza
O sol, a ave, a árvore, o ninho da beleza”
(Gilberto Gil)

Dom é dádiva. Ter muitos dons é ter presentes que poucos têm. Compartilhar esses dons é ser generoso como quem espalha poesia!

Percorrer caminhos e observar a paisagem com os olhos d’alma e mãos abençoadas é o que Márcia Moraes, a nossa Marcinha, sabe fazer com maestria e candura.

Parecendo frágil e delicada, ela prende entre os dedos agulhas, linhas, pincéis e tintas com garra e propriedade. Coisa de quem sabe exatamente o que quer fazer e o que quer distribuir para o mundo.

Artista e artesã, misturando o rigor típico de uma perfeccionista e a paixão de uma mulher romântica, está sempre pronta a nos brindar com seus múltiplos talentos manuais. E sabe como

ninguém transferir conhecimento e ensinar suas técnicas.

O CCJE orgulha-se em tê-la como parte de seu Grupo Gestor e de com ela, e por meio dela, poder homenagear os servidores da “casa TRE”, presenteando-nos a todos com esses verdadeiros mimos que são os seus trabalhos.

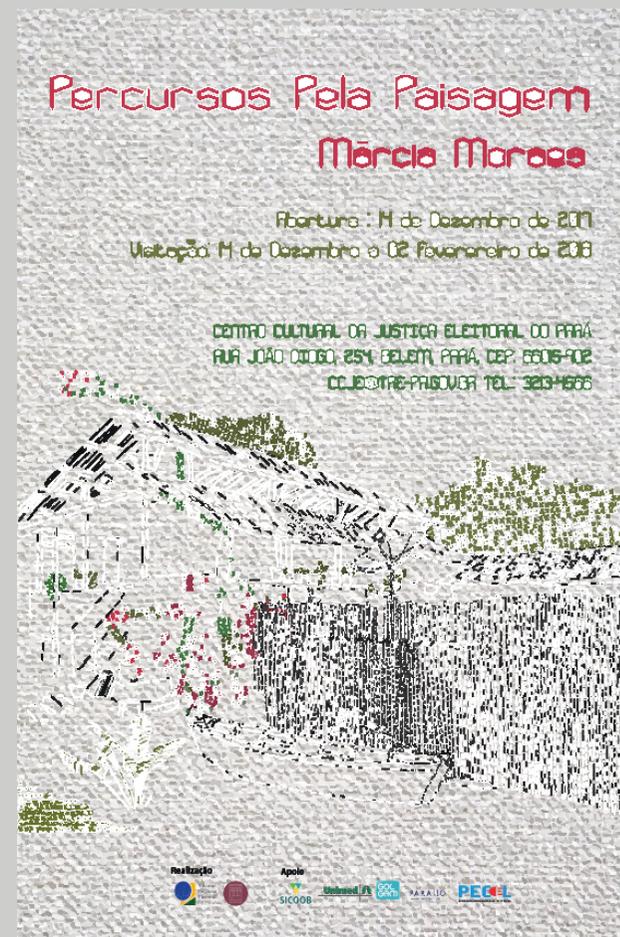
Paisagens bucólicas, fotografias bordadas com cuidados e sutilezas, que vão ganhando cores, texturas e por meio das quais ela constrói e conta histórias.

Imagens de lugares pelos quais transita ou que fazem parte de seu mundo íntimo.

São essas histórias que estão hoje aqui. Para alegrar nossos olhos e todos os nossos sentidos.

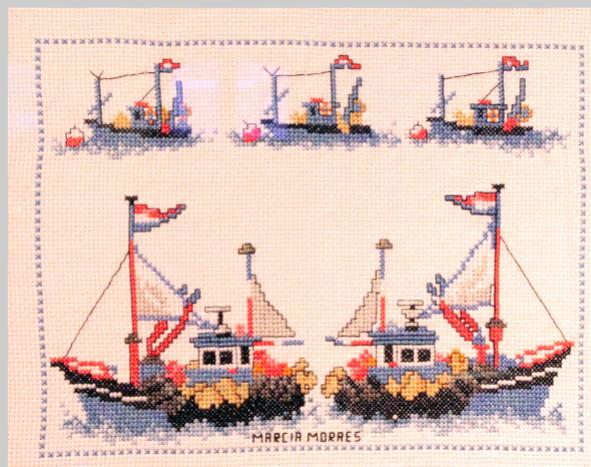
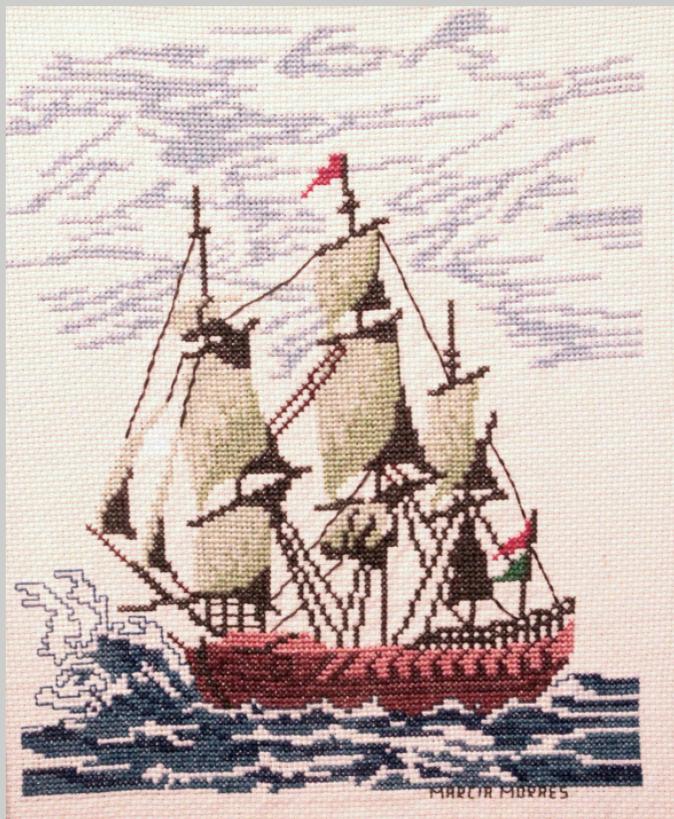
Sorte de quem tem essa prata em sua casa!

Carla Coutinho Ferreira





MÁRCIA RAIOL MORAES / SEM TÍTULO / BORDADO





98















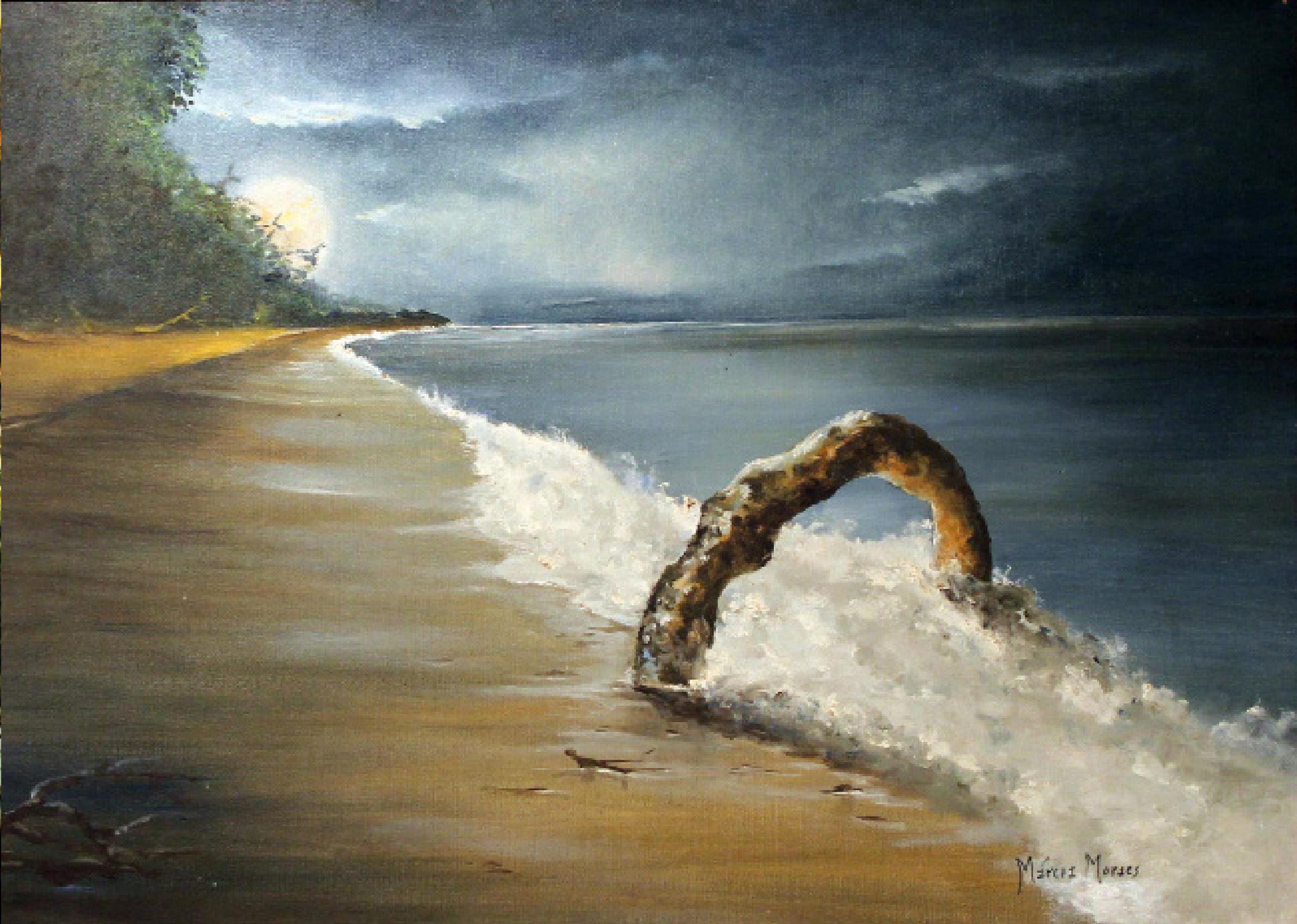
104



MÁRCIA RAIOL MORAES / SEM TÍTULO / ACRÍLICA E ÓLEO



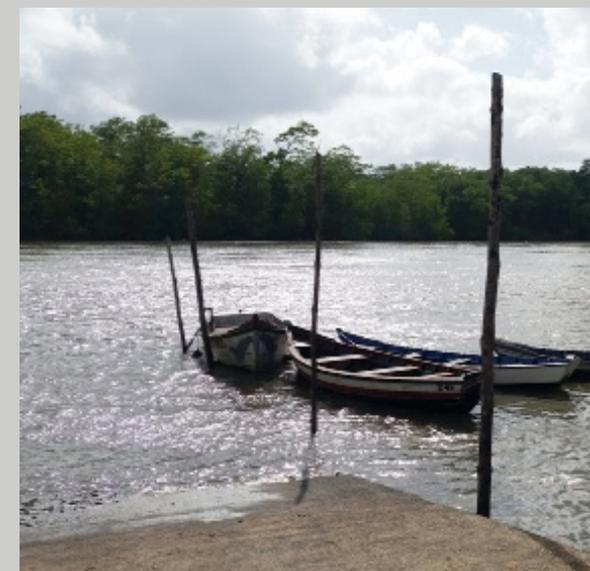




Marcus Moses



108











Desembargadora Célia Regina de Lima Pinheiro
Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Pará
Diretora da Escola Judiciária Eleitoral do Pará

Desembargador Roberto Gonçalves de Moura
Vice-Presidente e Corregedor Regional Eleitoral

Membros Efetivos

Juiz Federal Arthur Pinheiro Chaves
Juiz Amílcar Roberto Bezerra Guimarães
Juiz Altemar da Silva Paes
Juiz José Alexandre Buchacra Araújo
Juíza Luzimara Costa Moura

Diretor-Geral

Edson da Cruz Costa

Grupo Gestor do Centro Cultural da Justiça Eleitoral

Luciana Maria Alves de Souza
Maria de Nazaré dos Santos Cardoso
Carla Coutinho Ferreira
Faustino Castro Alves Júnior
Márcia Socorro Raiol de Moraes Nascimento
Patrícia Tereza de Araújo Costa Soares

Colaborador

Adan Costa

Projeto Gráfico

Adan Costa

Grupo Gestor do CCJE-PA

Revisão e Seleção de Imagens

Grupo Gestor do CCJE-PA

Fotografias

Assessoria de Comunicação do TRE-PA

Grupo Gestor do CCJE-PA

Parcerias:

